

Entrevista com o Professor Renan Freitas Pinto

Marília De Jesus da Silva e Sousa¹
Ana Claudeíse Silva do Nascimento²
Verônica Lima Fernando³

Diálogos interdisciplinares com Professor Renan Freitas: uma viagem às ideias de um intelectual amazônico



Professor Renan Freitas Pinto nasceu em Alagoas, um fato “puramente casual”, pois seu pai, que era engenheiro agrônomo, havia sido convocado para servir o exército em Maceió, estado de Alagoas, durante a Segunda Guerra Mundial como “uma espécie de oficial especial”. É filho de mãe paraense e pai amazonense, sendo o mais velho dos homens de uma prole de oito irmãos. Aos 18 anos, veio passar férias em Manaus com seu avô paterno que era formado em medicina e odontologia e também era professor de inglês. Após o convite do seu avô para morar em Manaus, se estabeleceu na cidade. Por isso, se considera um amazonense e elegeu Manaus como seu lugar de morada. Há mais de quatro décadas vem se dedicando ao ofício de professor, sociólogo e colunista de jornais locais, tornando-se assim um conceituado intelectual amazônico. Tornou-se um profundo conhecedor da Amazônia, especialmente da sua diversidade cultural. Seu conhecimento sobre a região é marcado por uma leitura crítica e minuciosa das obras dos cronistas viajantes e dos inúmeros autores que descrevem a sociobiodiversidade desta imensa região. É igualmente um

1. Antropóloga, Dra. Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA), Pesquisadora Associada ao Grupo de Pesquisa em Territorialidades e Governança Socioambiental na Amazônia do Instituto Mamirauá.

2. Socióloga, Dra. Pesquisadora Titular e Líder do Grupo de Pesquisa em Territorialidades e Governança Socioambiental na Amazônia do Instituto Mamirauá, Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA).

3. Historiadora, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA).

“intelectual viajante” das cidades amazônicas situadas nas calhas dos seus inúmeros rios.

Professor Renan nos conta nesta entrevista que desde muito jovem é um apreciador de livros. Herdou de seu pai o gosto pela leitura pois ele “tinha uma coleção fantástica de livros sobre a Amazônia e era um leitor voraz de livros”. Ressalta essa influência lembrando que esta coleção foi aumentando ao longo dos anos, e que teve um tempo “que os livros não cabiam mais nas estantes da sala e começaram a entrar nos quartos (risos)”. Lembra que o pai tinha um amigo que era dono de uma livraria em Garanhuns (PE) e disse ao amigo: “olha, todo mês meu filho vem buscar um livro aqui, pode dar para ele”. Seu pai era um leitor bastante assíduo e com o hábito de comprar muitos livros. “Na nossa casa, no meu quarto, por exemplo, tinha uma estante com as obras completas do Machado de Assis, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, então eu conheci ainda adolescente esses autores e desde aí não parei mais de ler...”. Com muita simplicidade e orgulho o professor Renan diz que “desde 15 anos eu leio, então eu tenho aí 60 anos de leitura, praticamente (risos)”.

Essa influência paterna foi determinante para que ele tomasse a decisão de ingressar no curso de letras da Universidade Federal do Amazonas: “eu fiz o curso de letras, eu ia fazer direito, mas como eu gostava muito de ler, pensei que o curso de letras era o ideal para mim porque eu passo o dia lendo”.

Durante a entrevista nos conta com entusiasmo que está lendo uma obra de Theodor Adorno, um estudo sobre música. Revela também que gosta muito de música e que “Adorno é um prato cheio para quem gosta de música, ele escreve maravilhosamente sobre esse assunto”. Dentre suas inúmeras leituras atuais no âmbito dos autores amazônicos, leu recentemente um livro de Nicodemos Sena que é um romancista paraense ainda desconhecido.

Um de seus projetos editoriais mais recentes foi uma parceria com a amiga e Professora Dra. Edna Castro, da UFPA, *Decolonialidade & Sociologia na América Latina*, que foi lançado em Belém em setembro de 2019. Este livro reúne uma coletânea de artigos de vários autores que tratam sobre “a formação e a institucionalização do pensamento sociológico em países da América Latina”.

A entrevista e/ou “fragmentos” de muitas ideias sociológicas

Em uma manhã de sábado ensolarada do mês de agosto de 2019, Professor Renan nos concedeu essa entrevista no último andar de uma pousada na cidade de Tefé, onde estava hospedado. Tínhamos como paisagem marcante a bela vista do esplendoroso lago Tefé.

Essa entrevista será apresentada em duas partes. A primeira aborda a trajetória do Professor Renan em Manaus e no Amazonas, sua formação e contribuição intelectual para a Amazônia e para UFAM, incluindo o projeto de revitalização

da Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA). Com isso, observamos que uma de suas marcas é empenhar-se com muita vitalidade colaborando em diferentes projetos, seja na criação de programas de pós-graduação, na realização de cursos acadêmicos de pesquisa e extensão como ainda na organização de livros e eventos.

A segunda parte contempla um conjunto de assuntos que tem como pano de fundo a temática da interdisciplinaridade (consagrada pela sua formação teórica) e a importância da criação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/PPGICH na Universidade do Estado do Amazonas/UEA, especialmente para os mestrandos e egressos do *campus* de Tefé, com os quais teve contato direto com seus temas de pesquisa durante o curso que ministrou, intitulado *Oficina de Escrita Acadêmica*. A conjuntura política do país, as perdas sofridas pelas universidades federais e estaduais, sobretudo, aos cursos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais é parte do seu lugar de fala. Suas ideias estão cercadas de informações e conhecimentos que remetem à indicação generosa e constante dos inúmeros autores que demarcam sua visão de mundo. A vasta leitura dos cronistas viajantes, dos poetas e ensaístas amazônicos e dos intelectuais da América Latina são fontes permanentes de inspiração teórica observada na fala deste intelectual amazônico. Destacamos ainda sua densa formação teórica pautada nos autores clássicos das Ciências Sociais, que foram objetos de estudo de sua dissertação e tese de doutoramento, bem como a organização de coletâneas baseadas nas obras desses grandes autores.

O momento da carreira profissional do Professor Renan demarca a consolidação do seu prestígio intelectual que foi conquistado com seu perfil modesto e ao mesmo tempo arrojado no tocante à busca incessante pelo conhecimento compartilhado continuamente com seus amigos e alunos. Uma frase emblemática do seu modo generoso é proferida em suas aulas: “vocês não podem deixar de ler tal autor”.

Professor Renan é também membro da Academia Amazonense de Letras, título que consolida e consagra seu prestígio intelectual no Amazonas e na Amazônia. Um homem cosmopolita que no alto dos seus quase 76⁴ anos nos remete para uma “viagem às suas ideias”, parafraseando o título de um de seus livros (*Viagem das Ideias*, 2008), publicado pela Editora Valer, da qual foi um grande colaborador.

Sua formação e trajetória intelectual foram constituídas na grande área das Ciências Humanas e Letras. Possui graduação em Letras (em Língua e Literatura Inglesa) pela Universidade Federal do Amazonas; é Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez seu doutorado em Ciências Sociais pela PUC/São Paulo e Pós-doutorado na USP. Foi professor titular da Universidade Federal do Amazonas e atualmente está aposentado, ou melhor, como afirma o professor “me aposentaram”. Tem

4. No dia seguinte à entrevista, o Professor Renan completou 76 anos.

experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, atuando principalmente nos temas sobre Amazônia, pensamento social, história das ideias, desenvolvimento regional e trabalho feminino, onde tem diversas publicações sobre os referidos temas. Criou um núcleo de estudos sobre a Teoria Crítica com Ênfase na Obra de Theodor W. Adorno, a partir do qual se originou Projeto de Pós-Doutorado desenvolvido na USP, sob o título *A Recepção de Theodor W. Adorno no Brasil*, supervisionado pelo Prof. Dr. Willi Bolle.

Atualmente é Pesquisador Visitante Sênior da CAPES junto ao PPGICH/UEA e está a serviço desse programa nos próximos anos. Sua prestigiosa e produtiva carreira acadêmica lhe conferiu o perfil exigido para assumir as atividades vinculadas a essa bolsa, isto é, tem mais de 10 anos de doutorado e uma farta publicação de livros, artigos e outras produções científicas.

Após oito anos, volta à cidade de Tefé para ministrar uma *Oficina de Escrita Acadêmica* aos mestrandos, mestrandas e egressos do PPGICH e proferir a Aula Magna Inaugural do segundo semestre/2019 do PPGICH com o título *Amazônia e a experiência interdisciplinar*. Conversar com o professor Renan é como viajar pelas obras dos inúmeros autores que já foram visitados por ele, página por página, afinal, nos revela que é adepto da leitura dos livros na sua versão em papel, mas nem por isso deixa de recomendar artigos em versão eletrônica para seus alunos. Esperamos que esta entrevista faça o leitor desfrutar do brilhantismo e da potência dos seus conhecimentos ou, como nos disse o professor Renan ao fim de nossa conversa, juntar os “fragmentos” de suas ideias sobre diferentes temas.

Marília: Como foi o trajeto do curso de Letras para Sociologia?

Renan: Eu fiz um curso de especialização em Manaus com professores do Rio de Janeiro e foi nesse curso que me despertou o interesse. Já tinha lido muitas coisas de sociologia e foi uma oportunidade que surgiu e um dos professores me estimulou. Foi uma especialização em “História do Pensamento Político”, que era um ramo da Sociologia, Sociologia das Ideias.

Marília: Antes de fazer esse curso de especialização e depois ir para o mestrado em Sociologia, o senhor já tinha contato com os clássicos das Ciências Sociais?

Renan: Eu dava aula no curso de Comunicação, de Fotografia e Cinema. Naquela época entendia bastante disso, hoje já não entendo mais nada porque mudou tudo, os sistemas digitais, mas a minha cultura teórica de fotografia permanece. Eu era Professor Auxiliar de Ensino pois também havia sido convidado para ser Diretor da TV Educativa, então a minha segunda atividade era como professor substituto na UFAM, depois fiz uma seleção e passei, mas, nesse meio termo, quando mudou o governo, tive que deixar. Ainda

me convidaram para ficar, mas eu não quis, pois já tinha a pretensão de sair para fazer um mestrado.

Fiz essa seleção e fui para o Rio Grande do Sul em 1978 e fiquei até 1982, passei quatro anos morando no Rio Grande do Sul. Minha esposa fazia mestrado em Letras. Ela escreveu um livro que virou uma referência inclusive para Amazônia. *A invenção da Amazônia* é um livro muito conhecido que foi reeditado pela Valer, uma edição muito bonita. Era a Neide Gondim, que morreu no ano passado.

Marília: Ao terminar o mestrado, voltou para Manaus?

Renan: Sim, voltei. E, quase dez anos depois nós fizemos o doutorado em São Paulo, na PUC. Tive o prazer de ser orientando do professor Otavio Ianni, que foi membro da minha banca de mestrado, e me convidou para ser seu orientando. No meu livro ele fez a apresentação. Ao comunicá-lo que iria me submeter à seleção, ele disse “pode vir que eu já tenho seu lugar assegurado”. Entretanto, devido a grande quantidade que ele tinha de orientandos, inicialmente fiquei ligado à Professora Élide Rugai Bastos, um ano depois fui reacomodado sob sua orientação. O contato com a professora Élide, que é da Unicamp, nos rendeu a organização da coletânea *Vozes da Amazônia* em três volumes.

Marília: Como foi essa experiência na EDUA?

Renan: Fui diretor da Editora da UFAM (EDUA) durante oito anos.

Renan: Foi ótimo, especialmente para EDUA, mais do que para mim, porque, quando o Hidembergue Ordozgoith de Frota assumiu, me ofereci para ele, e disse: “quero trabalhar, não quero cargo nenhum, mas eu quero fazer um projeto”. Eu já tinha contato com o Tenório Telles e a Valer estava fazendo uma verdadeira revolução editorial em Manaus. Meu interesse era fazer esse projeto de modernização dentro da UFAM. Trabalhei quatro anos sem ter cargo nenhum, foi um trabalho voluntário nos primeiros quatro anos do mandato do Hidembergue. No segundo ano do segundo mandato, o Hidembergue me nomeou. Mesmo sabendo que eu havia votado nas eleições para reitor na Isabel Valle, sua opositora, que é minha colega de departamento, minha amiga, e eu não poderia votar de outro modo. Então o deixei à vontade para me substituir, caso desejasse. Foi quando ele disse, “não, você vai continuar se você quiser!”. E dessa vez teve uma portaria me nomeando diretor.

Marília: O senhor fez uma revolução na EDUA, como foi?

Renan: Fizemos juntos. Não foi só eu, era um grupo, inclusive o Tenório Teles que me ajudou muito. Nós escolhemos novos planejadores editoriais, designers de capas, publicamos, por exemplo, três obras do Koch Lindberg, que considero a coisa mais importante que foi feita na EDUA, que é o *Dois anos entre os índios*, *Distribuição dos povos em Roraima* e *Os Começos da arte na selva*. São obras marcantes. Em Manaus essas obras já estão praticamente esgotadas porque já faz muito tempo. Isso

foi em 2006, há mais de dez anos. As editoras universitárias têm um problema sério que é a distribuição, às vezes produzem coisas excelentes, como na Bahia, que tem uma editora ótima da Universidade, mas os livros praticamente não saem de lá, não circulam. A editora de Minas Gerais é diferente, por exemplo, *A passagem do Walter Benjamin* foi editada pela Editora da Federal de Minas Gerais e circula até fora do Brasil. O livro do José María Arguedas, um autor peruano que escreveu *A Raposa de Cima, a Raposa de Baixo*, também publicado pela Federal de Minas, tem uma circulação nacional. De modo geral, o material publicado em Belém pelo NAEA, pelo próprio Museu Goeldi, é um material que circula. Mas não chega em Manaus. É impressionante. Por exemplo, Heraldo Maués, um professor emérito como Benedito Nunes, edita fora de Belém; os livros dele são publicados por editoras de São Paulo, umas de circulação nacional. Isso acontece também com Rio Grande do Sul, publicam muita coisa boa pela universidade, mas fica ali restrito.

Marília: E o que o senhor acha que acontece? É visão de quem está à frente?

Renan: Não, não é questão de visão. Para distribuir um livro em âmbito nacional tem que gastar o mesmo dinheiro que você gasta para editar. Hoje está mudando, pois agora chamam *edição sob demanda*, ou seja, você faz um livro eletronicamente, como fizemos em Belém com a Edna Castro, e manda fazer um certo número de exemplares, de acordo com a necessidade, entre 30, 50, 100, dependendo da perspectiva de vendas, nunca mil exemplares. Depende também da própria natureza do livro. Por exemplo, esse livro só interessa para quem está estudando colonialismo, ou seja, a demanda será de cinquenta livros. As editoras não têm mais dinheiro para investir, pois fizeram pesquisas e foi demonstrado que o livro acadêmico – mesmo de um professor Milton Santos ou Otávio Ianni, Benedito Nunes – com uma edição de 3.000 exemplares, média das edições nacionais, passa em média dez anos para vender. Isso representa um problema, porque a editora investe ou alguém investiu e para recompor esse investimento, receber de volta pelo investimento, é lento, ainda mais quando estamos em períodos com altas inflações, então praticamente é uma perda de dinheiro, por isso hoje chegou-se à conclusão que as edições sob demanda, no caso de pequenas edições, é a solução para continuar produzindo livros impressos, pois sai primeiro a versão eletrônica, e pode ser consultado fisicamente quando for liberado.

Marília: O senhor lê muito livro em versão eletrônica?

Renan: Não, somente leio artigo em PDF quando não tem em papel, por exemplo, o livro *Toar*, de um autor colombiano sobre o qual estou fazendo um estudo sobre romances latino-americanos que tratam da selva e dos seringueiros. Os autores que escreveram sobre isso foram: Na Venezuela, o romancista Rómulo Gallegos, ex-presidente da Venezuela na

década de 1940. Ele escreveu vários livros, sendo dois os mais importantes, *Canaima*, que se passa na região dos seringais na Venezuela, e o outro é *Doña Barbara*, que é a história de uma mulher fazendeira, latifundiária poderosa que domina a outra paisagem venezuelana, que eles chamam de lhanos, que são áreas de planícies, de pastagens. Virou até novela. No YouTube, se colocar Doña Barbara, aparecem capítulos dessa história. Outro autor, que é cubano, mas também escreveu sobre a Venezuela é o Alejo Carpentier. O nome do livro dele é *Passos perdidos*. Esse já tem em português.

Marília: Do que trata o livro *Passos perdidos*?

Renan: De uma viagem de um especialista em música que vai fazer uma busca de instrumentos musicais indígenas e se defronta com o período da borracha, com o “cheiro” dos seringueiros. Tem uma história passionnal, o homem se apaixona por uma linda índia, que é muito cobiçada por outros homens da aldeia, e ele consegue naquele momento ficar com ela. Entretanto, ao voltar para Venezuela, onde sua esposa que era uma cantora de ópera vivia, a encontrou com outro homem, alegando que não ficaria esperando por ele após sua partida. No entremeio dessa história de amor, o autor vai contando todas as violências no seringal, o preconceito do branco contra o índio. É um dos melhores livros do autor, que não se passa em Cuba como os demais. Na verdade, o Carpentier era como Adorno, tinha um interesse por música, escreveu vários livros como *Concerto Barroco* um romance que se passa na França. Tem também *A Sagração da Primavera*, outro com temas musicais, como *A história da música em Cuba*. Ele trabalhava em um museu, era colaborador, então recebeu um financiamento para ir atrás desses instrumentos musicais. Somente na segunda viagem conseguiu coletar instrumentos, ou seja, consegue cumprir sua missão.

Marília: O senhor ficou quanto tempo à frente da EDUA?

Renan: Oito anos, na gestão dupla do Hidembergue, nos dois mandatos dele. Ele criou uma espécie de fundo, porque até hoje a EDUA não tem, como as editoras, tem que procurar financiamento fora, mas teve um fato que ajudou muito, foi a criação da FAPEAM, que publicou muita coisa. Nós criamos uma coleção de obras, que fizemos juntos com o INPA, financiado pela FAPEAM. Então, no segundo mandato dele teve essa vantagem que não houve no primeiro. Além disso, conseguimos financiamento do BASA, com a Faculdade Salesiana, fizemos três livros, porque o padre Casimiro Besta era o tradutor da Alemanha, passou trinta anos no Rio Negro como missionário e foi o tradutor de todos esses livros. O outro foi o Erwin Frank, que é um antropólogo alemão que morava em Roraima e morreu lá no Museu Amazônico, fazendo pesquisa.

Marília: O senhor faz parte Academia Amazonense de Letras?

Renan: Sim, o Tenório me meteu nisso também, ele me candidatou. Eu publiquei um livro pela Academia Letras

sobre Djalma Batista, e outro livro organizado pelo Zé Braga. Também tenho um livro projetado sobre Bernardo Ramos, porque sou da Cadeira dele na Academia. Em 2018, a Academia completou 100 anos, e nós vamos fazer uma edição do livro dos filhos dele com minha apresentação, que publiquei na revista da Academia. A Academia atualmente teve uma renovação, com a entrada de Aldísio Filgueiras que é um poeta bastante revolucionário e escreveu *Malária e outras canções malditas*. Tem a Marilene Corrêa, que foi reitora da UEA, que é uma intelectual de peso, uma professora muito respeitada. Tem também a Márcia Perales, que foi reitora. Tem a Rosa Brito, que é professora de filosofia. Então, tem um quadro de renovação da Academia e de gente que está produzindo fora.

Marília: O senhor sente que cumpriu uma missão na EDUA? Uma missão importante?

Renan: Acho que foi. O nosso propósito era de renovar o editorial, contratar designers, que nunca tinha tido – as capas eram feias, com esse profissional a coisa melhorou muito. Por exemplo, o livro *Diário de Samuel Fritz*, que fiz com a Priscila Faulhaber, nós tivemos uma colaboração especial da Embaixada Tcheca, que estava fazendo uma exposição sobre o Samuel Fritz, e coincidiu, que conseguimos levar para Manaus essa exposição e aproveitar o material, as imagens para o livro, com a autorização da Embaixada. O embaixador tcheco foi ao lançamento do livro em Manaus.

Marília: Quantos livros o senhor já produziu, colaborou?

Renan: Eu, pessoalmente, em que aparece o meu nome, cerca de uns dez, mais ou menos. Eu nem contei ainda, mas eu acho que é por aí.

Marília: E quantas apresentações de livros?

Renan: Ah, apresentação fiz mais de 50, eu acho.

Marília: E voltando para o seu doutorado, como surgiu a ideia? Sua tese foi sobre o que?

Renan: Sobre Florestan Fernandes. Na verdade, quando eu voltei para EDUA já tinha terminado o doutorado. A proposta inicial era fazer um trabalho sobre o distrito industrial, que eu tinha publicado no *Cadernos do NAEA*. O Ianni, que tinha sido orientando do Florestan Fernandes, me aconselhou a não fazer esse tema que eu havia publicado, e falou para eu procurar um tema mais teórico. E sugeriu fazer sobre Florestan, e foi uma indicação ótima. E o Ianni me orientou em uma posição privilegiada, porque além de conhecer muito o Florestan, foi orientando dele. É como se fosse Florestan, Otávio Ianni e eu me beneficiando dessas ligações. O Otávio Ianni fez a apresentação da minha tese, que eu publiquei depois da morte dele, foi um privilégio tê-lo como apresentador.

Marília: E qual foi o objeto de estudo desenvolvido no mestrado?

Renan: Foi sobre os trabalhadores da juta. Nessa época, o PPSA era um programa de pós-graduação estimulado pela Fundação Ford, mas eu nunca recebi financiamento dela. Contudo, vários pesquisadores receberam e fizeram pesquisa sobre a produção familiar, a agricultura familiar no Brasil, desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas. A dissertação do meu orientador de mestrado, Zé Vicente (José Vicente Tavares), foi sobre os colonos do vinho, um trabalho sobre a produção familiar. Em 1984, o professor Otávio Ianni publicou um livro chamado *As origens agrárias do estado brasileiro*, onde ele menciona todas as nossas dissertações, a minha, a do Zé Vicente, a Élide Rugai Bastos e vários outros que ele menciona. Foi importante essa referência do Ianni nessa obra, porque associou o nosso trabalho a essa nova perspectiva de estudos agrários no Brasil. A minha dissertação foi publicada pelo professor Antônio Carlos Witkoski em um livro sobre juta.

Marília: Fechando um pouco esse ciclo dessa etapa da sua trajetória acadêmica, o senhor chega ao pós-doutorado para se debruçar sobre essa discussão da teoria crítica a partir de Adorno?

Renan: É. Isso foi um trabalho importante e não foi um trabalho pessoal, eu não fiz um projeto para desenvolver uma pesquisa individual. A ideia desde o início era articular os principais representantes da teoria crítica no Brasil em um “grande seminário”, com o objetivo de fazer um livro com contribuições desses autores. Graças ao professor Willi Bolle, que era meu orientador no pós-doutorado, fui conhecendo essas pessoas: Márcio Seligmann Silva, que é da UNICAMP, inclusive é organizador e revisor desse livro, e fez a tradução. Ele publicou vários livros na época em Belém, onde era professor e hoje mora no Rio de Janeiro; o Marcos Nobre da Unicamp e também SEBRAP; o Antônio Zuin da Universidade de São Carlos; a Iray Carone da USP, irmã do Edgar Carone. Uma sequência de autores, e todos foram à Manaus, nós conseguimos um projeto de extensão, que garantiu passagem e hospedagem para todos para realizar esse evento. O projeto teve a duração de um ano. A cada mês vinha um autor, então reunimos os artigos e publicamos o livro *Teoria Crítica e Adorno*. Tem um artigo só sobre Walter Benjamin do Gunter Pressler, aquele professor de Belém que dá aulas em Berlim. É um livro importante, porque, teoricamente, introduz a teoria crítica no nosso ambiente universitário. Antes, ninguém dava muita bola, quer dizer, alguns conheciam alguma coisa. Desenvolvemos uma visão ampla da teoria crítica, com todos os outros autores, especialmente cinco: Marcuse, Benjamin, Adorno, Habermas e Axel Honneth.

Marília: Existe então um núcleo de estudos sobre teoria crítica?

Renan: Sim. Inclusive, algumas teses foram baseadas nesse grupo, como fruto desse trabalho: a tese do José Alcimar, *Amazônia e barbárie*, que se fundamentou no Adorno; também do professor coordenador da Biblioteconomia,

professor Raimundo Martins, que também fez um trabalho sobre bibliotecas públicas no município de Manaus, que está nesse livro.

Impressões sobre Tefé e a importância da UEA

Renan: Minha impressão geral é que nós vivemos um momento especial do desenvolvimento cultural e científico da Amazônia, que é a interiorização das universidades, especialmente com a pós-graduação. Nunca vivemos um momento tão importante que terá frutos, às vezes até invisíveis. Não são frutos muito palpáveis, mas que serão importantes, certamente. Ou seja, a ideia de que você tem uma formação de uma nova geração de doutores, doutor é uma palavra empolada para dizer o que é realmente, ou seja, de cientistas, de pesquisadores, estudiosos da Amazônia, que não vão se contentar em terminar uma tese e botar o pijama, vão continuar produzindo, dando aula, escrevendo, pesquisando. Então esse momento é um momento demarcador, e eu até poderia dizer que é um corte epistêmico na vida cultural da Amazônia, que começou com Universidade do Pará. Ela interiorizou bem antes da nossa, com cerca de vinte anos de antecedência, mas nunca é tarde para se fazer isso. E aqui existiu um atraso cultural e científico muito grande em razão dessa não interiorização. Acho que tenho argumentos suficientes pra convencer qualquer pessoa de bom senso de que isso realmente é a coisa mais importante que existe e que, portanto, deve ser preservada. Devemos nos esforçar para, por exemplo, ampliar biblioteca, ampliar o número de cursos de pós-graduação, tentar criar uma livraria na cidade, se bem que isso não é tão importante hoje por causa da Estante Virtual. Hoje se consegue qualquer coisa, mas uma livraria dentro da própria universidade, porque a UFAM e a UEA têm uma produção que poderia fazer convênio com as outras universidades.

Marília: Desse contexto sociológico que menciona, como que o senhor percebe em Tefé e na região esse marco importante, que é a interiorização e a universidade?

Renan: A interiorização e também novas buscas por novas teorias, novos paradigmas. O trabalho de vocês no PPGICH, por exemplo, que eu mencionei ontem rapidamente, é uma demonstração de que dentro do próprio programa vocês já têm uma expressão desse interesse por novos paradigmas, que é a questão da interdisciplinaridade, que é o que fortaleceu a criação desse programa. Estava havendo uma dificuldade em criar um mestrado, uma pós-graduação temática, então essa solução foi bem acolhida pela CAPES, na medida em que por meio dela era possível receber alunos de várias formações, aí facilitou para a universidade, para a UEA naquele momento, e criou um tipo de experiência epistemológica, da interligação de saberes, da conexão, vivendo no mesmo ambiente

de produção, de teorização. Então, achei que foi muito feliz essa saída, digamos para a criação de um programa interdisciplinar. Eu não sei se hoje haveria tanta facilidade, tanta rapidez em aprovar um projeto desses porque há uma tendência, como sabemos, de hostilizar as Ciências Humanas e valorizar e financiar também as carreiras técnicas, científicas, da física, das ciências da natureza, ciências exatas, etc.

Marília: Por isso que temos que investir enquanto o programa está aí, para poder lutar.

Renan: Então temos que lutar, é uma luta mesmo! É uma luta que está lá no *Homo Academicus*⁵, essa luta está muito bem analisada pelo Bourdieu, a disputa por campus. Ele criou essa ideia de campus, e ali ele desenvolve essa ideia de “*campi intellectuais*” que estão frequentemente em disputa, porque o espaço é amplo, mas ele é um só, então quem vai ganhando espaço no interior da universidade? A universidade já tem uma pré-disposição de valorizar certas áreas, como a medicina, direito, engenharia. Isso é uma tendência muito forte e que cria os chamados cursos “categoria A” que já é uma discriminação com os outros, e as próprias universidades, aquelas que só tem, cursos da área de pedagogia, licenciatura etc, que já estão, assim, automaticamente colocadas como uma espécie de segunda linha, de universidades. Então isso é muito forte e a obra mais conhecida sobre o assunto é essa do Bourdieu. O Florestan também tem vários estudos, vários livros sobre a universidade brasileira, mas esse livro do Bourdieu, no âmbito teórico, é a obra mais importante.

Marília: Pensando em Tefé, como o Senhor pensa sobre essa discussão de patrimônio imaterial, história oral, memória e identidade, que é uma das linhas de pesquisa do programa que o senhor tem atuação?

Renan: “Patrimônio Imaterial, História Oral, Memória e Identidade”, quatro aspectos que estão interligados. A busca por fixar um patrimônio imaterial é uma busca de identidade, ou seja, de você fortalecer e afirmar a identidade cultural de certas coisas por exemplo, no caso da Amazônia, a caldeirada, que é um item da culinária, como já aconteceu com o acarajé da Bahia, que já foi reconhecido como um item do patrimônio imaterial. Todos esses elementos, quase impalpáveis e invisíveis que constituem o patrimônio imaterial, às vezes estão ligados. Aqui nessa região, eu acho que tem um item que é interessante também: a farinha do Uarini. Então, já tem uma coisa do patrimônio imaterial, porque você tem efetivamente a produção de uma farinha, mas que cada vez adquire mais prestígio. Estudar isso é fazer um estudo de patrimônio imaterial. Uma das coisas dessa cultura imaterial religiosa é a história das Igrejas e seus padroeiros, por exemplo, a igreja tem Nossa Senhora do Carmo, outras santas etc.; você pode criar, fazer uma memória dessas santas, porque essa igreja se chama de Santa Tereza D’Ávila, e por que ela chama Santa Tereza D’Ávila?

De onde vem essa coisa? As vezes as famílias constroem uma capela que depois é erguida como igreja. Enfim, vai-se fazendo um correspondente estudo acadêmico sobre isso, porque já tem uma visão do senso comum sobre isso.

Marília: Para pensar essa questão de Tefé, o seu olhar é todo tempo sociológico?

Renan: Eu já tinha lido bastante coisa sobre Tefé, através dos viajantes, conheço todos há mais de 20 anos, venho lendo por puro interesse de leitura, por exemplo, Henry Bates, Wallace, casal Agassiz, Spix Martius, toda essa coleção de grandes viajantes. Me apaixonei pela obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, inclusive fiz até um filme baseado naquelas pranchas que vimos lá na Biblioteca do Instituto Mamirauá, mas eu infelizmente não tenho cópia desse filme.

Marília: De onde vem esse seu interesse pelas leituras dos viajantes sobre a Amazônia?

Renan: Era uma leitura sem nenhum compromisso acadêmico, era conhecer a Amazônia, pela qual eu sempre tive um interesse muito grande, despertado pelo meu pai. Ele tinha uns álbuns em Recife que mostrava para gente, porque fotografou vários indígenas na periferia de Manaus. Quando vim para Manaus pensei que esses índios ainda pudessem ser facilmente encontrados como ele fotografou, mas não havia mais. Fui à comunidade Mura, mas bem depois, então esse é um interesse mais diletante do que acadêmico.

Marília: Para encerrar, eu queria deixar livre para o senhor colocar as suas impressões tanto da sua vinda, da sua contribuição com o programa e do seu retorno a Tefé, depois de oito anos.

Renan: Eu posso encerrar dizendo que essa minha entrada, essa inclusão no PPGICH representa para mim um grande estímulo para me interessar por assuntos que eu tinha um interesse tangencial, circunstancial, como é a questão do patrimônio. Sobre isso, eu passei a ler e a me interessar mais, até de rever posições minhas passadas, a questão da história oral, especialmente dessas, porque a história do patrimônio imaterial tem a ver com a história oral, um vínculo fundamental, e ainda memória e identidade. Esses quatro princípios, quatro fundamentos, quatro paradigmas ou fundamentos epistemológicos são interligados, uma espécie de rede. Não se pode estudar a identidade sem estudar a memória, porque não existe identidade sem memória, então não existe história oral também sem memória, e assim por diante. Estou descobrindo e procurando me aprofundar. Estudo atualmente sobre isso, me beneficiando naturalmente de uma bagagem que eu já acumulei ao longo dos meus...Ah! eu vou completar 76 anos amanhã (risos de despedida).